

HUNGRIA — PALACIO DE EISENSTADT.

A poucas jornadas de Vienna, cêrca de Pottendorf, na Hungria, encontra-se a pequena cidade de Eisenstadt, situada sob a falda meridional do Leythagebirg. Contém 5:000 habitantes, pouco mais ou menos, e pertence, bem como o territorio circumvisinho, ao principe Esterhazy.

O castello ou palacio de Eisenstadt, assentado em uma altura, na extremidade oriental da cidade, é a edificação mais importante que ella encerra. Aquelle palacio ostenta a apparencia de uma residencia real, e foi construido em 1683 sob os auspicios do principe Paulo Esterhazy, então palatino da Hungria. O busto d'este principe está collocado sobre a varanda da fachada principal; por baixo lêem-se estas iniciaes C. P. E. R. H. P. (Comes Paulus Esterhazy, Regni Hungariae Palatinus). N'aquella fachada acham-se tambem collocados os bustos dos reis da Hungria.

Nas duas extremidades do edificio vêem-se duas amplas galerias sustentadas por bellas columnas de marmore. A que deita para o jardim foi mandada construir pelo principe Nicolau sob a direcção do architecto francez Moreau.

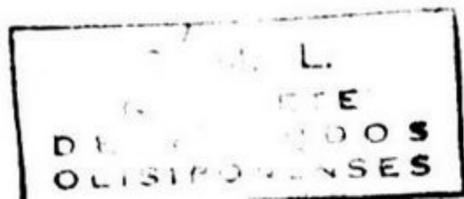
O palacio comprehende cento e seis casas, entre as quaes se nota uma immensa sala de baile, que

tem a altura de dous andares, e occupa metade do palacio em comprimento; a sala d'armas é digna de attenção pelo grande numero de espingardas de primoroso trabalho, que ali pôdem admirar-se.

Os jardins e parque são dos maiores e mais soberbos de todo o imperio de Austria; descrever todas as suas excellencias seria objecto de grosso volume.

Nos jardins de Eisenstadt existem magnificas estufas, que são talvez das mais importantes e ricas, que se conhecem no mundo. E para o provar basta dizer, que contêm sessenta mil especies, ou variedades de plantas; só em vinhas acham-se ali setecentas trinta e quatro qualidades differentes.

No recinto do parque, que abrange a extensão de algumas leguas, sobre uma alta collina povoada de pinheiros (*pinus sylvestris*, var. *nigra*) depara-se uma especie de templo, erigido em 1806, á memoria da princeza Maria Liechtenstein, mulher do principe Nicolau Esterhazy, fallecida em Vienna, no anno de 1845. Do logar em que está o templo domina-se e avista-se a cidade de Eisenstadt, as campinas que se estendem da cidade até a montanha fronteira, onde existem as pedreiras de Margareth, o lago de Neusiedl, e em dias claros o formoso palacio de Esterhazy, na extremidade sudoeste do lago.



MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA.

III.

PELOS annos de 1575, a galera hespanhola *Sol* cortava as aguas do Mediterraneo, conduzindo á Hespanha muitos dos campeões valentes e dos cavalleiros denodados, que haviam assegurado em Lepanto a victoria ás armas christãs, ameaçadas pelo poder dos ottomanos. Miguel de Cervantes voltava á patria, esperançoso de receber depois do triumpho, em que fôra parte, a recompensa dos seus serviços, attestados pelo valioso testemunho de D. João d'Austria e do duque de Lera. A fortuna tinha porém disposto, que as cordas de laurel se trocassem pelos ferros da servidão, e que o repouso, depois de tantas fadigas e campanhas, fosse substituído pelas infamantes lidas do captivo de Argel.

O corsario, Arnaute-Mami, á frente de uma esquadilha de galeotas argelinas, espiava nos mares a occasião de minorar as perdas e de vingar as affrontas de Lepanto. A galera hespanhola não pôde resistir ao impeto dos argelinos, e os paladinos, que ainda traziam frescas as recordações da victoria, e vivo ainda o orgulho da conquista, acharam-se de subito descidos de triumphadores altivos á condição ignobil dos escravos.

Está Cervantes em Argel. E para cumulo de infortunios, sob o poder de um renegado grego, avaro como quasi todos os renegados, e cruel para com os seus antigos religionarios, como todos os apostatas de especulação. Dali-Mami, que era este o nome do senhor a quem o poeta coube em sorte, considerava os seus captivos antes como um capital productivo, do que como uma machina de trabalho. Esta escravidão, de que a Europa christã foi por tantos seculos victima diante das temerarias galés das potencias barbarescas, não se assimilava inteiramente á servidão abjecta contra que ha pouco se ergueu a voz sympathica de Mistress Harriett Beecher Stowe, e que a Europa civilisada e humanitaria encobre pudicamente com o véu da tolerancia, ou justifica pelas necessidades fataes do moderno industrialismo. Um christão retido entre os ferros de Argel não era um homem absolutamente perdido para a familia, para a patria e para a sociedade christã. O seu senhor redobrava para com elle de rigores, e recrudescia em crueldades, para o forçar a empenhar todos os seus esforços, e a romper por todos os impossiveis até conquistar a bolsa de sequins, com que abrandar a humanidade e despertar a clemencia do senhor. Um escravo era um capital tanto mais valioso quanto mais nobre era a sua hierarchia, e mais opulenta a sua fortuna. O escravo no poder do senhor, era como um bilhete do banco de Inglaterra, nas mãos de um homem, que viajasse por terras incultas e selvagens, onde não estivesse em uso a representação das riquezas pelos simples papeis de credito. O escravo podia sempre realisar-se em valor metalico. O caso era saber esperar, e empregar os rigores e os maus tractos na dose sufficiente para produzirem o desejo ardente da liberdade, sem apressarem pelos soffrimentos phisicos a morte, e por consequencia a amortisação final d'aquelle *bank-note* de carne e osso. Havia simplesmente uma pequena differença entre a nota do banco e o captivo de Argel, differença que se traduzia n'um saldo contra o infortunado captivo. A nota conserva-se cautelosamente archivada, e carinhosamente afflagada n'uma carteira de viagem, em quanto que o servo christão accumulava os juros do capital, que representava, cavando e sachando nos jardins orientaes do seu senhor, re-

mando nas suas galeotas empavezadas, ou exercendo um mister, que toca as raías do martyrio, para um espirito romanesco e juvenil, o de guardar as formosas mulheres, que povoavam o harem para lisongear a amorosa avareza de um mouro, quasi sempre entrado em annos, e de enrugada e hedionda catadura. É preciso acrescentar a isto, que todos estes serviços productivos com que o escravo pagava ao senhor o beneficio da vida, e o valor da subsistencia eram exercidos sob o influxo animador do azurague, suspenso sempre como uma ameaça, e por vezes descarregado como punição sobre o corpo do escravo menos industrioso, ou mais distraído pelo infortunio. Cervantes era além de escravo, um cavalleiro hespanhol de illustre nascimento. Novo argumento para novas severidades e cautellas da parte de Dali-Mami. O grego renegado tinha feito um raciocinio falso, já para o seu tempo, e falsissimo, absurdo, impossivel para os nossos dias. Entre os papeis de Cervantes havia o mouro colhido algumas cartas officiosas, em que alguns dos primeiros capitães do exercito hespanhol de Italia recommendavam o futuro auctor de *D. Quirote* á benevolencia e á gratidão dos poderosos da cõrte. E a par d'esta descoberta preciosa viera a saber, que o captivo christão era cavalleiro, e logo sobre estes indicios, magnificados pela avareza de um agiota, e de um agiota argelino, architectou o renegado um edificio de esperanças para as suas lucrativas especulações. Do simples cavalleiro, quasi soldado raso nas campanhas de Italia, e de Lepanto, assoprou logo ali um fidalgo opulento, senhor de grossas commendas de Calatrava ou de Santiago, se é que não o suppoz titular de Castella e grande de Hespanha, disfarçado, por calculos de avareza, na humildade de peão. D'esta indução passou a logica do mouro a mais amplas argumentações, e tirou por conclusão de tudo, que um homem nobre, e que tantas recommendações trazia em seu abono, devia ser rico como um Cresso, e magnifico como um Lucullo. Premissas e conclusões igualmente erradas e absurdas. Nobre e sobre nobre soldado, já no tempo de Philippe II não queria dizer rico, nem poderoso. Mas nobre, soldado, e pretendente, como o diziam as cartas de recommendação, nada mais accusavam para um bom traductor, senão pobreza e honradez. O mouro contentou-se com os argumentos da razão pura, como diria Kant, e não tratou de investigar a verdade, pela *theoria da razão pratica*, como dizia o citado philosopho de Koenigsberg. O que é certo é que, apesar de todas as conclusões do renegado, e de todas as suas esperanças de bom resgate, Miguel de Cervantes não encontrou de mais no bolso um maravedi sequer de bom quilate.

O que elle encontrou, sim, foi o desejo cada vez mais ardente e fervoroso de escapar á sua dura escravidão, e de burlar ao mesmo tempo a vigilancia e a rispidez do seu despiedado possuidor. Quem, mais para o diante, havia de desentranhar-se em invensões comicas, e em enredos engenhosos para entretecer de peripecias inesperadas, e salgar de gracejos proverbias, a vida aventureira e grave *del ingenioso hidalgo*, e a continencia prosaica e utilitaria do escudeiro manchego, quem sabe se, acossado pela necessidade, mãe de invensões e fatora desculpavel de ardis e de estratagemas, não preludiaria ao romance de imaginação, fazendo-se a si mesmo o personagem temerario de uma aventura real e verdadeira? A imaginação de Cervantes descobriu um primeiro meio de fuga, buscando, com alguns outros christãos seus companheiros no exilio e na ousadia, o caminho de Oran. Trahidos porém logo ao princi-

pio da jornada por um mouro, que deveria servir-lhes de guia, desamparados de todo o socorro amigavel em terra de barbaros, e por caminhos desconhecidos, deram fim á sua primeira romaria de liberdade, retrocedendo para Argel, e vindo entregar-se de novo á brutalidade dos senhores. Facil é de suppor os emboras com que havia de receber a Miguel de Cervantes o seu desnaturado e sanhudo possuidor, e é para agradecer, em nome do immortal monumento litterario de Cervantes, que o ciumento Dali-Mami não houvesse ali logo, com a morte do castelhano, privado para sempre a posteridade de gosar, admirando-o, o livro mais popular e europeu de quantos se numeram na moderna litteratura.

Soára entretanto na península a noticia do captivo de tantos cavalleiros e soldados generosos. Pobres mas extremos pelos filhos, os paes de Cervantes empenharam ou venderam o limitado peculio de que viviam, para enviar a Argel o resgate de Miguel, e de seu irmão Rodrigo, que fôra seu camarada nas guerras e seu socio na escravidão. Era porém a quantia tão escassa, que mal chegou para resgatar Rodrigo, a quem, como a menos notavel e como que plebeu, os mouros consentiram em libertar por um preço muito inferior ao de Miguel. Volveu pois Rodrigo á terra patria, levando encommendada pelo irmão a fórma por que havia de concorrer para a liberdade de Miguel.

Apresentou-se bem cedo a Cervantes a occasião de tentar nova fortuna, buscando na fuga o só resgate, que lhe consentia a sua pobreza. Resgatou-se pouco antes um malhorquino, que antes de partir concertára com Cervantes o modo de o levar. Chegando que foi o praso marcado, foi-se Miguel de Cervantes com os companheiros com quem communicou o seu proposito, a esconder-se n'uma cova, que, em um jardim de um alcaide mouro, tinha disposta o jardineiro, ancioso tambem de cobrar a liberdade. Esta cova, menos encantadora e menos poetica que a de montesinos, e muito mais perigosa do que ella, foi guardada aos captivos, que ali se mantiveram esperancosos e anhelantes por que viesse o malhorquino a quebrar-lhes as algemas. Tornou de feito o libertador, mas em tão má hora, que andando proximo de terra a espiar a occasião do desembarque e da fugida, vieram de acaso a passar por ali alguns perros mussulmanos, que, reconhecendo-o logo, começaram de alvoroçar a terra, com que o malhorquino teve de fazer-se ao largo, dilatando o intento para melhor occasião. Voltou outro dia á empreza, mas d'esta vez com mais desastroso succedimento, porque, surpreendendo-o os mouros, não só divertiram da empreza, senão que o fizeram captivo.

Sucedeu á esperanza o desalento para os infelizes, que fiavam do malhorquino toda a sua salvação. Não foi porém duradoura a lucta entre o desconforto e os ultimos clarões da confiança; porque a pouco tempo de ser o malhorquino aprisionado, um renegado, que fôra parte no segredo, os delatou covardemente a Azan, dey de Argel. Levados á presença do bachá, Cervantes deu um novo testemunho da sua bizzaria e da sua generosidade, accitando para si a exclusiva responsabilidade da projectada fuga, e salvando, por uma mentira heroica, a vida de seus companheiros de infortunio.

Restituído Cervantes a Dali-Mami, seu antigo senhor, não affrouxou com o mau succedimento das passadas emprezas, nem deixou de proseguir em novas tentativas de liberdade. Animava-o em parte a isso a quasi impunidade, que lhe assegurava a boa reputação de grandeza e poderio em que estava pa-

ra com Dali, cada vez mais cubigoso de um avultado resgate.

Tentou segunda vez a viagem de Oran, mas desenganado da possibilidade d'esta empreza, converteu de novo o pensamento e as esperanças para o mar, como seu unico refugio.

Uns mercadores valencianos, que traficavam em Argel, e um renegado granadino, ancioso de reconciliar-se com a Igreja, auxiliaram Cervantes em uma nova tentativa, e apparelharam-lhe uma galé, em que embarcar-se para Hespanha, e mais sessenta captivos, ou mais discretos, ou menos abastados do que os outros. Dispunha-se já a partida, quando ou traição ou imprudencia fez transpirar entre os mouros a noticia da fuga. Apontavam a Cervantes como o capitão de todas estas emprezas, e por isso os mouros, já indignados de tamanha ousadia, o buscavam por toda a parte, resolvidos a não hesitar d'esta vez ante a supposta grandeza do arrojado conspirador. Era imprudente apparecer então, e entregar-se elle proprio á justiça de Argel. Occultou-se pois em casa de um amigo, á espera, que, acalmado-se a agitação e a sanha dos infelizes, pudesse ir triumphar ainda uma vez da avareza, e desarmar com o heroismo do seu character a inclemencia dos mussulmanos. Boa occasião era para Cervantes de se escapar com segurança, aproveitando-se da timidez e susto dos mercadores; porque temendo elles, que, prezo Cervantes e posto a tormento para confessar os factores do crime, soltasse, ou por egoismo, ou por fraqueza, os nomes dos valencianos, lhe offereceram com grande encarecimento de o resgatarem, e dar-lhe passagem em um navio, que se fazia de vela para Hespanha. Não lhe consentiu porém a sua grandeza d'alma, que saísse elle só incolume da empreza, deixando compromettidos os companheiros, a quem demais a mais faltaria para os defender a coragem e a abnegação com que já antes os preservára dos ultimos rigores.

Mandou Azan lançar pregão, para que ninguem, sob pena de morte, desse abrigo a Cervantes; com o que elle deixou voluntariamente a casa em que se homistára, e veiu em pessoa entregar-se ao furor do pachá.

D'esta vez a lucta entre a firmeza christã e a ferocidade sarracena tinha de ser mais renhida que d'antes; sendo que o juiz então era Dali-Mami, mais avarento, que ferino, e era-o agora o proprio dey, injuriado do atrevimento e rebeldia de Cervantes.

O soldado, que ajudára a abater em Lepanto as soberbas do crescente, que levantára tão alto as mãos para o combate, que lh'as haviam mutilado pelouros mussulmanos, comparecia agora diante de Azan, com as mãos atadas atraz das costas, e com uma sogá ao pescoço, como se houvessem ali logo de infligirem-lhe o ultimo supplicio. Apostrophou-o o mouro com ultrages e affrontas, lançou-lhe em rosto o crime de buscar a todo o trance a liberdade, que lhe tolhiam, como se quem commette o sacrilegio de a tirar injustamente a alguém possa capitular de crime a fuga do prizioneiro. Inquiriu-o Azan sobre que cúmplices tivera, e quem haviam sido os favorecedores da tentativa. A todas as perguntas, a todos os ardís do mouro, só teve Cervantes uma resposta que dar: — a culpa d'elle só, e a innocencia dos companheiros. Abnegação e heroicidade digna de figurar junto da firmeza e resolução com que os confesores das primeiras idades christãs arrostavam, junto do equileo e da fogueira, com a ferocidade dos pagãos! Cinco mezes de estreitissima prizão foram a unica punição com que o argelino castigou a grandeza d'alma de Cervantes.

Quem conhece os costumes deshumanos dos segui-

dores de Islam, quem sabe que a crueldade e o terror têm sido sempre o principio mais energico da politica e da administração dos turcos, quem se recorda das atrocidades ainda não ha muitos annos commettidas pelo pachá contra os christãos desamparados e imbelles, attribuirá quasi a milagre a bondade com que Azan tratou o christão arrojado, que por tantas vezes zombára da vigilancia dos seus guardas e da fereza dos senhores.

Desde então ficou Cervantes sendo escravo de Azan, que por quinhentos escudos de ouro o comprou a Dali-Mami, como quem queria ter sob sua guarda e bom recado o que já chegava á ultima ousadia de tentar uma rebellião geral de todos os escravos, com que lograssem todos a liberdade, e punissem, já livres e vencedores, a arrogancia dos mouros.

Disponha-se o dey a partir para Constantinopla, levando consigo o malaventurado captivo, quando os religiosos trinitarios chegaram a Argel, a redimir, segundo o seu piedoso e christianissimo instituto, os captivos hespanhoes. Para o resgate de Cervantes traziam apenas trescentos escudos, que lhe mandava sua desolada mãe, já então viuva. Eram porém mil escudos o prego do resgate, fixado por Azan. Depois de muitas negociações e de reiteradas supplicas dos trinitarios, baixou o resgate a quinhentos escudos, somma ainda exagerada para quem trescentos só trazia. Insistiu o mouro na quantia, que fixára, e estava já perdida para Cervantes toda a esperanza de liberdade, quando compadeccidos os bemfazejos mercenarios da sorte d'aquelle infeliz e generoso christão, prefizeram, a poder de sacrificios, a somma, que pedia o mouro, e obtiveram a final que Miguel de Cervantes, deixada a terra barbara e inhospitaleira em que arrastára cinco annos os ferros da servidão, volvesse de novo, em 1680, á patria, de que tantos annos andára separado.

(Continúa.)

J. M. LÁTINO COELHO.



O CAFÉ — COFFAEA ARABICA.

O ARBUSTO, que produz o café, tão estimado hoje pela quasi totalidade dos habitantes dos dous hemisphérios, é originario da Arabia.

Em 1690 Van Hoorn, governador da Batavia, teve a feliz inspiração de mandar vir de Moka, na Arabia, alguns pés de cafeeiros, que prosperaram, e se propagaram rapidamente sob a influencia do clima das ilhas de Sonda, sendo hoje o café, que não póde aliás considerar-se de superior qualidade, um dos seus mais valiosos productos. Só a ilha de Java exporta annualmente alguns milhares de arrobas.

De Java foi o cafeeiro mandado para o jardim botanico de Amsterdam por Nicolau Witsen, ao qual cabe a honra da introdução do primeiro cafeeiro na Europa. Em 1718 os holandezes introduziram a sua cultura nas colonias de Surinam, d'onde foi enviado para a Jamaica, e d'ahi se propagou por toda a America do sul. A colonia franceza da Martinica recebeu este precioso arbusto em 1728.

Nas nossas riquissimas possessões africanas vae tomando a cultura do café um grande desenvolvimento; Cabo Verde, S. Thomé e Angola exportam já consideravel porção de café; sendo o de Cabo Verde e S. Thomé, reputado, em qualidade, igual ao legitimo de Moka.

E pouco tudo quanto se disser para excitar e promover a cultura de um tão rico arbusto. Baste dizer que elle só póde elevar a um alto gráu de prosperidade as colonias portuguezas de Africa occidental e oriental; augmentados por consequencia os seus recursos, poderá um governo intelligente e probo emprehender os melhoramentos de que ellas tanto carecem, para serem verdadeiramente prestadias a si proprias e á mãe patria, e dignas da civilisação d'este seculo.

Só nos Estados Unidos e na Europa calcula-se o consumo do café em nove milhões de arrobas, e vae em progressivo augmento!

Accresce que a cultura do café é mui facil e simples. Reproduz-se pela sua propria semente. Quasi todos os terrenos lhe convêm. Floresce e dá fructo todo o anno; mas as duas colheitas principaes têm lugar duas vezes por anno; em julho e em dezembro. O café considera se sasonado de ordinario quatro mezes depois de dar a flôr. Todos os cafeeiros cultivados pertencem a uma só especie.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cantei desfeito em pranto.
Valha a desculpa, se não vale o canto!

VI.

Macedo representa um papel importante na litteratura de transição, que expirou com os primeiros cantos da nova escola, introduzida pelo auctor de D. Branca. Foi o ultimo do seu periodo, que desceu a sepultura; parecendo sobreviver tanto aos contemporaneos para não deixar atraz rival, que o molestasse. Poeta de arte mais que de inspiração, ha todavia trechos brilhantes e versos magnificos nas suas composições. Devorado de ciumes ardentes, inimigo do merito, que resplandecesse acima do seu, não perdoou aos vivos, nem poupou os mortos, julgando que assim se exaltava. A sua memoria feliz e viva, a sua leitura vasta e constante, e o buril carregado, porém gracioso, com que traçava a satyra, tornavam-no perigoso como zoilo, e temido como erudito.

Poucos nomes foram mais populares. A gloria es-

trepitosa, mas momentanea, que dá o applauso das paixões civis, tão triste na origem, e tão curta na duração, obteve-a á custa de excessos deploraveis, forçando a penna a ultrages indignos da musa, e accusadores do coração. O libello, arma de dous gumes, em que a mão do que fere se corta primeiro do que alcance a victima, ninguem como elle o escreveu em Portugal. Fecundo em epithetos, pittoresco nos ditos, e copioso na linguagem, a sua prosa corria facil e agradável, as suas pinturas jocosas viviam, e os chascos recebiam na phrase acerada redobrado vigor. Nos poemas, sobre tudo na Meditação, eleva-se a grandes alturas, de certo com esforço, porém com innegavel exito. No Oriente mesmo, epopeia cuja verdadeira inspiração é a inveja de Camões, cuja musa foi o orgulho de o exceder, no Oriente, esmagado pelo vulto immenso dos Luziadas, ha oitavas e rasgos primorosos.

José Agostinho sabia muito, e ainda fingia saber mais. Versado no estudo dos poetas latinos, italianos e francezes, cita a miudo por jactancia, e esquece-se frequentemente de verificar as citações. Na sua erudição a realidade e o embuste confundiam-se. Lidava com adversarios pouco habituados a segui-lo passo a passo, e a arrancarem-lhe a mascara, quando, ou por lapso, ou de proposito suppria com imposturas a debilidade das razões. Adorador do paradoxo, singular em opiniões, e inexoravel como censor, o *Motim Litterario* é a imagem fiel da sua vaidade, e o açoute feroz da sua critica. Modernos e antigos, os escriptores patrios e estrangeiros são ali despídos e flagellados sem misericordia; e no meio das espadanadas do latego e dos silvos da Nemesis, cordada de todas as furias do rancor, ouve-se estalar a gargalhada, e chocalhar os guizos do escarneo.

Nos opusculos politicos, Macedo vingava as feridas do seu amor proprio a pretexto de defender o throno e a moral. Em guerra com as idéas novas, advogado do absolutismo puro, a voz que levanta é lugubre como a de um inquisidor, e o pensamento, que não occulta, cruel como o dos sectarios puritanos. Fanático pelos rigores, intolerante por gosto, aconselha e provoca as violencias, salgando-as de motejos hediondos, porque partem muitas vezes do vencedor contra os vencidos. Nos folhetos litterarios a veia nunca enfraquece, a prosa obedece-lhe; e o ridiculo acompanha-o como verdugo dos seus contrarios. As *Pateadas* e as *Cartas de Manuel Mendes Fogaça* sobre o theatro, não conhecem competidor no seu genero. Ha n'ellas tanto sabor comico, uma riqueza tão grande de estylo, e tal ligeireza e variedade de erudição, que o espirito attrahido e encantado pasma da opulencia d'aquelle engenho.

José Agostinho, morto Bocage, reinou só; e despota unico mostrou-se tyranno; a nenhum antagonista eximiu dos supplicios da mordacidade. Acossado pelas sétas innumeraveis dos contrarios, não lhe furtava o corpo; esperava-as, e por um movimento herculeo sacudia os arremessos de que estava crivado, e de uma investida o terreno apparecia limpo. N'elle a immodestia foi igual ao arrojo; a injuria e a licença raramente deixavam o seu lado. Todas as paixões ruins, a que os antigos deprecavam no seu odio, lhe distillavam o fel da allusão e a peçonha dos improperios. Combatel-o em politica, ou em bellas artes, equivalia a votar-se a martyrios cada dia exacerbados. Tendo supportado as dores dos golpes de Elmano, media os adversarios antes de os encontrar, e não se arriscava senão depois de seguro de manter superioridade. Aos que podia temer atirava mais de longe, ou guardava certa cortezia.

Detestado no partido constitucional, objecto de

horror para a pleiada de Bocage, era o idolo dos absolutistas, que as suas graças deleitavam, e que o seu pincel, satyrico, deprimindo e envilecendo, ajudava nas campanhas d'esse tempo. O famoso poema dos Burros, especie de Juizo Final, aonde figuram em tormentos variados quantos detestava por qualquer motivo, exgotou as forças á sua aversão maligna. Escriptor mais de actualidade, que do futuro, não alargou os horisontes da arte em nenhum aspecto; querendo abraçar todos os generos em nenhum erigiu monumento duravel. Fechando os olhos parte da sua popularidade desvaneceu-se; e o tempo de pressa consumiu o resto.

Entretanto a posteridade, á qual no seu orgulho imaginava lançar ferros, não ha de permittir que o esquecimento sepulte o que merece viver. Nas suas obras, acima do fumo e do negrume do incendio civil, ha paginas bellas, que attestam as galas do estylo, os dotes da imaginação, e a graça de uma veia fecunda; essas o gosto e a justiça bastam para as fazer resurgir dos limbos em que expiam o erro das outras. A historia e a physionomia do ultimo seculo litterario ficariam inintelligiveis, faltando a grande figura de qualquer dos tres poetas, Filinto, Bocage e Macedo, que o dominaram!

Entre os dous ultimos pois a discordia era inevitavel, e o duello não podia ser senão cruel. Em ambos existia o mesmo ciume do merito alheio, a mesma tendencia satyrica, e uma sêde igual de applausos e de exclusivo despotismo. Em Elmano os defeitos compensavam-se pelas qualidades; o fundo era melhor do que as apparencias. Em José Agostinho a natureza ingrata queimava em flôr os sentimentos nobres e os instinctos generosos. Um precipitava-se por vangloria e amor proprio; o outro dilacerava por organização e calculo. Se alguma vez se reprimia, a cabeça, e não a alma, é que o continha. Macedo formava elevado conceito do talento de Manuel Maria; estava bem no caso de perceber as posses d'aquelle engenho, que sabendo pouco adivinhava os reconditos segredos da arte e da erudição. Bocage, apesar do seu orgulho, tambem reconhecia em Elmiro faculdades, que debalde procurava em outros, aos quaes mais agradável lhe fôra attribuilas. D'esta reciproca apreciação, animados de diverso genio, deveria nascer a paz, e fortificar-se a amizade; com a indole, que os caracterisava, saiu a guerra, o ultrage, e mais por cansaço, que por estima, a final a tregua, quebrantada por Macedo sobre a sepultura do seu rival.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA,

FERNÃO GONÇALVES.

SEculo X.

IV.

Na sala de armas.

— «OTHONIEL!» lhe disse o conde. «Estás na sala de armas do conde de Castella. Corre os olhos por essas paredes, e encontrarás terriveis para ti os vestigios do teu crime. Vês ali a adaga, que deste ao frade apostata e assassino? Vês a espada curta, que

arrancaste para me ferir? Lembras-te do encontro nocturno, do dialogo, da hora, do sitio, do desfecho, que teve o teu negro attentado? Mira-me bem, Othoniel!"

— "Vejo tudo prestes para a execução. Aqui está o réu convicto e confesso; acolá os instrumentos da morte. Só aqui falta o algoz... Se é que falta," acrescentou o judeu, deitando ao conde e ao vigario um relance de olhos, como de quem inculcava, que um dos dous poderia substituir o carrasco.

— "Silencio!" lhe tornou o conde. "Recolhe a tua lingua de vibora, se não queres, que me arrependa da indulgencia, com que tenciono tratar-te. Escuta-me. Sou eu que vou ser o patrono da tua causa. Uma circumstancia só bastou para attenuar o teu delicto, e moderar o meu rigor: tu tens-me feito serviços..."

— "Serviços?" exclamou o judeu com demonstrações claras de homem surprehendido e desapontado.

— "Bem sei, que têm sido involuntarios, alma de satanaz; bem sei. Mas involuntarios ou não, têm-me aproveitado. As cartas, que escreveste ao califa, foram semente lançada em terra de promissão. O califa pospoz a guerra, se é que não desistiu d'ella."

Othoniel mediu o conde com uns olhos, que lhe saltavam das orbitas. Depois cravou-os no chão e empallideceu. Mas decorridos breves instantes assomou-lhe nas faces um raio de alegria; sorriu-se, e meneou a cabeça com um signal dubitativo.

— "Duvidas? Duvidarás tu das respostas do califa? Tu leste-as, e se as leste, de que duvidas?" lhe atalhou o conde, investigando o semblante do judeu com a observação sagaz de um physionomista experimentado.

— "Duvido da sinceridade d'ellas." E assim dizendo, Othoniel coçava a orelha direita com a mão esquerda.

O conde fez uma pausa. E continuou logo, dirigindo-se ao judeu no tom grave e impressivo de um homem, que deixa os rodeios e os artificios do discurso, para ir pela estrada plana direito á verdade.

— "Othoniel, vou fazer-te uma pergunta, de que depende a tua soltura: espero que me responderás com franqueza. As cartas, que por ordem minha escreveste e assignaste para o califa, foram cópia fiel dos rascunhos, por onde te devias guiar?"

— "E cousa, de que o vosso notario, que devo suppor habil arabista (o notario concertou a garnacha, e impertigou-se todo) vos terá dado informação mais imparcial do que póde ser a minha."

— "Mas figura tu," lhe tornou o conde, "que eu começo a duvidar da arabia de Sueyro Gaidiz, e que quero enganar-me, ouvindo o teu proprio testemunho?" O notario atirou um grande assopro, e derrubou as sobranceiras: mas não se atreveu a falar, porque o conde lhe tinha sellado os labios com o veto silencioso do index.

— "O meu testemunho," respondeu Othoniel, "não tem validade."

— "Perante os tribunaes de certo que não; mas perante mim póde tel-a, porque n'este momento praz-me relevar-te da inhabilidade, que a lei inflige aos individuos da tua raça."

— "N'esse caso dou-me por suspeito."

— "Falla sem temor. Confessa a verdade, que por muito que ella te inculpe, palavra de cavalleiro, não aggravarei o teu fado... Duvidarás tu da minha palavra?"

— "Infinitamente!" A este insolente adverbio, o vigario remecheu-se na cadeira com impaciencia, levantou-se, tornou a sentar-se, mas em fim conteve-se, ficando calado.

— "Porém se eu te restituir a liberdade, que dirás então?" instou o conde, sem fazer caso da insolencia de Othoniel.

Othoniel fez um gesto de quem duvidava.

— "Não duvides, que te soltarei," continuou o conde, "mas com uma condição."

— "E qual?" perguntou-lhe o judeu.

— "Com a condição de nunca mais servires o califa contra mim."

— "Condição, que eu rejeito," retorquiou-lhe o judeu com altivez temperada de dignidade.

O vigario e o notario ficaram atonitos. Mas o seu pasmo tocou o extremo, quando á audaciosa rejeição do judeu o conde voltou com esta resposta inesperada:

— "Othoniel, estás solto."

— "Conde de Castella," redarguiu-lhe Othoniel, "reparae no que fazeis, porque da propria masmorra do vosso palacio eu servia o califa contra vós. Em todas as cartas, que de ordem vossa escrevi a Abdel-Rhaman acrescentei por baixo da minha assignatura palavras, que destruíam completamente o effeito das vossas tramas. As palavras foram estas: *Prezo no palacio do conde de Castella.*"

O conde olhou então com um sorriso amargo e uns olhos exprobradores para o notario, que enfiou, desbotando-se-lhe de todo as côres de rosa ou de rabanete, que uma borracha de vinho, bebido ao almoço, lhe tinha posto nas faces. E depois de o torturar alguns minutos com esse olhar severo e pungente, com essa tortura dos gestos, que nem por ser muda era menos dolorosa para o desazado arabista, disse para o judeu:

— "Está bom, Othoniel, está bom! Depois d'essa confissão, que esperas tu que te eu faça?"

— "Espero o peor, mas sem temor."

— "Othoniel!" lhe tornou o conde, "estás solto. Vigario, fazei-o sair pela porta falsa que sabeis, e proporcionae-lhe todos os meios de se pôr a salvo."

— "Mas solto sem condições, não é assim?" perguntou o judeu.

— "Sem condições!" respondeu Fernão Gonçalves.

— "Permitti-me agora," acrescentou o judeu, "que antes de sair vos faça um reparo, para que as minhas anteriores declarações vos não induzam a conceituar mal de mossem notario. As palavras, que ajuntei ás cartas para o califa com o proposito de frustrar os vossos manejos, escrevi-as em uma cifra, que podem ignorar até os mais versados na lingua arabe."

Ao prestar este testemunho transverberava-lhe na physionomia uma expressão de desdem, malicia e orgulho verdadeiramente satanicos.

Mas a esta justificação inesperada o notario respirou; ergueu a crista, havia pouco abatida; tornou a concertar a garnacha; tossiu com força, e estendeu os olhos para o conde, parecendo perguntar-lhe se podia haver prova mais cabal da competencia d'elle notario na lingua arabe, do que o testemunho de Othoniel? Sem fazer caso nenhum dos momos do notario, Fernão Gonçalves, que queria dirigir uma pergunta ao judeu, disse-lhe:

— "Detem-te um instante, Othoniel."

— "Estaes arrependido da minha soltura? Não a implorei, nem a imploro."

— "Villão!" exclamou o conde, batendo o pé no estrado com um estampido, que fez estremecer o notario. "Eu não retracto a minha palavra. Só queria interrogar-te sobre um ponto, que n'este momento me occorreu. Mas tu és indigno da minha presença. Vae-te, antes que a tua insolencia me provoqué a algum acto improprio de mim e da minha fé."

— «Conde altivo!» replicou-lhe o judeu com uma vehemencia cheia de nobreza, com a veia frontal entumecida, e o labio superior curvado pelo orgulho. «Sabe que Othoniel conta uma serie de avós, numerosos como as palmeiras do deserto. Gira-lhe nas veias o sangue illustre dos reis de Judá, e na séde augusta da intelligencia habita-lhe o pensamento da sabedoria, transmittido por seus ascendentes, os jui- zes de Israel. . . »

Alguns minutos de suspensão e silencio se seguiram a estas palavras. O porte fero e a magestade, com que foram proferidas, fascinaram involuntariamente o conde.

— «Não quero contestar,» lhe disse este com aspecto commovido, «a tua linhagem. Mas creio que mal se compadece com ella o officio de espia e assassino. Porque não estreaste antes nos campos de batalha a tua intelligencia e valor?»

— «Se os estreei, senhor conde! Lembra-vos acaso de Alhandic, conde de Castella? Lembra-vos de certo, porque foi um combate gl'orioso para vós e para a vossa hoste. Othoniel estava lá. Não o duvideis,» disse o judeu para Fernão Gonçalves, que fez um gesto dubitativo. «Othoniel estava lá. Esabeis o valente cavalleiro, que cruzou comigo a espada? Foi o conde de Castella. Vós mesmo aqui me estampastes esta lembrança perpetua,» e arregaçando a manga, mostrou uma profunda cicatriz no braço esquerdo. «Mas o meu ferro tambem escreveu no vosso braço direito. Não sei se ainda lá se conservam os vestigios da minha boa lamina de Damasco. E quanto ao contraste da minha situação passada áquella, em que ultimamente me surprehendestes, creio que o não podem estranhar cavalleiros nazarenos, cujas chronicas se afamam por episodios de traição, de masmorra, de potro, de veneno, de ferro frio, e de fogo.»

— «Cá está bem legivel a vossa assignatura. . . se é que é vossa,» respondeu o conde, apontando tambem para uma larga cicatriz no braço direito desnudado. «Mas dizei-me, é possivel que os meus olhos estejam vendo o intrepido guerreiro, que á frente da cavallaria zeneta me disputou tanto tempo a fortuna d'aquelle combate, e que pela sua resistencia fez immortal a jornada de Alhandic? É isto possivel?»

— «O guerreiro de Alhandic está na vossa presença: não o duvideis.»

— «Ah! que as nossas mãos se apertem com sentimentos de estima, se não póde ser de amizade, como as nossas armas se cruzaram com o ardor de leaes adversarios!»

Dizendo isto, o conde desceu da cadeirade espaldar, e foi apertar a mão a Othoniel. Othoniel respondeu-lhe de um modo mais cortez do que cordial; e como se receiasse, que os gestos não exprimissem bem a sua reserva, manifestou-a por estas palavras:

— «Um voto, que fiz ao céu, veda-me mostras mais significativas que as da cortezia, e. . . »

— «Deixae-nos sós por alguns momentos,» disse Fernão Gonçalves ao vigario e a Sueyro Gaindiz, pondo o index direito sobre a bóca, como quem lhes recommendava stricto segredo.

O conde levantou-se. Roçando inadvertidamente pela meza, fez cair um dos rolos de pergaminho, que estavam sobre ella. Quando se abaixava para o apanhar com as costas viradas para Othoniel, este cravou n'elle os olhos da ave de rapina pairando sobre uma preza. O vigario, que se retirava, deteve-se um instante a observar o judeu. O judeu, como se o ferissem os raios, que lhe dardejava Gongalo Dias da sua vista penetrante, virou-se: os olhos de ambos encontraram-se, e n'esse encontro instantaneo disse-

ram mais do que poderiam dizer em longo dialogo dous homens, que um ao outro se suspeitam e se detestam.

— «Senhor!» exclamou o vigario, já da porta. «Senhor! Lembrae-vos das margens do Arlanção!»

— «Só me lembro dos campos de Alhandic,» tornou-lhe o conde.

O espirito de Fernão Gonçalves era d'essa tempera febril e entusiastica, que busca avidamente as aventuras e as scenas inesperadas, onde quer que as depara. A batalha de Alhandic engrandecia Othoniel a seus olhos como a um guerreiro de extrema pericia e valor. O encontro nas margens do Arlanção mostrava-lh'o sob as côres, não menos vivas, do inimigo encarnigado, e do conspirador irrequicto, que ás prendas da astucia e resolução ajuntava as da eloquencia. As informações de Recesmundo revelavam-lhe, ainda que obscuramente, a alta missão politica, que o califa confiára a esse personagem singular. Se o tinha admirado pela decisão, destimidez e recursos, mesmo sob a mascara de agente subalterno, e n'um character até certo ponto ignobil, agora que elle lhe apparecia com as decorações brilhantes do heroe, a admiração de Fernão Gonçalves tocava o apice do entusiasmo. Mas com este sentimento, puro e desinteressado, misturára-se repentinamente, como liga de um metal mais baixo, o egoismo politico. A aguia real, prestes a soltar a preza, tornava a fechal-a nas garras. O simile talvez não pareça exacto aos meus leitores; mas o que eu quero dizer é que o conde, depois de ter soltado a Othoniel, procurava agora retel-o não pela deslealdade e a violencia, mas pelas cadeias douradas da persuasão.

— «Senhor cavalleiro!» disse o conde para Othoniel; «por louco rematado devêra eu ser tido, se a minha coragem, a vossa prudencia, e o lugar em que estâmos me não dessem completa segurança de qualquer tentativa suggerida pela vossa ousadia e resentimento. Mas basta de vibrar n'esta corda. Estâmos aqui dous homens, que nos avaliâmos bem um ao outro; aprecio perfeitamente o vosso valor; vós conheceis a extensão do meu poder na Hespanha christã. Não poderia eu, adoçando a condição da vossa raça, e elevando Othoniel a um posto eminente nos negocios da paz e da guerra, irmanar interesses, que hoje se combatem? Ou por ventura fóra cousa impraticavel conciliar o vosso pundonor com as legitimas aspirações da vossa ambição, e d'uma nobre ambição nobremente satisfeita formar um novo e solido anteparo á christãdade hespanhola? . . . »

Fernão Gonçalves parou, fitando Othoniel, como quem esperava d'elle uma resposta.

(Continúa.)

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA.

APONTAMENTOS DE VIAGEM.

UMA HISTORIA NO BUSSACO.

XXI.

De aldêa em aldêa, de povoação em povoação, viera correndo o desgraçado, abstracto, estúpido de dôr, estranho a quanto se passava em derredor d'elle, indifferente aos insultos, aos sarcasmos, que as turbas lhe dirigiam. Sem saber como chegou a Lisboa,

Uma noute, que o norte agudo cortava até a me-

dulla dos ossos, extenuado pela fome, transido de frio, meio morto de cansaço, caíu exangue sobre os degraus da porta de uma casa apalaçada.

Depois da meia noute parou ao pé d'elle uma caruagem; os lacaios viram aquelle vulto ali; e deitando a cabeça pela portinhola uma voz de mulher perguntou:

— «Quem é esse homem?»

— «Não é um homem, minha senhora, é um frade,» responderam os lacaios em tom de grosseira ironia.

— «Recolham-no immediatamente,» continuou a mesma voz; «dêem-lhe alguma cousa, se tiver fome, e chamem alguém que o trate se está doente. Coitado!»

Os lacaios agarraram do frade, que se não podia ter em pé, levaram-no para dentro, e deitaram-no sobre uma cama.

— «Está morto,» disse um d'elles.

— «Respeita-lhe o habito, e põe-lhe a mão sobre o coração,» redarguiu o outro.

— «Nada, ainda tem *folego*, deixa vêr o que elle traz aqui. Então, não querem lá vêr; uma trança de cabellos e o retracto de uma rapariga! . . . heim! tenham dó d'estes meliantes; e a nossa ama a dizer. . . volta já a contar-lhe tudo.»

O estúpido lacaios subiu precipitadamente as escadas; a senhora da casa atravessava n'esse momento uma das salas.

— «Então, como está o pobre frade?» perguntou ella ao criado.

— «Não dá acôrdo de si, minha senhora; mas o melhor. . . é que lhe fômos dar com esta trança de cabellos e com este retracto de uma rapariga. . .»

Luiza — já vêr que era Luiza — tirou o cabello e o retracto das mãos do criado, olhou-o, e ficou calada, livida, immovel por alguns momentos. Depois disse:

— «Tragam esse homem com o maior cuidado para um d'estes quartos de cima, e vão chamar immediatamente um medico.»

Assim que o criado desapareceu, ella caíu de joelhos, com as mãos erguidas a implorar perdão a Deus. Era tarde! Quando vieram dizer que as suas ordens estavam cumpridas, dirigiu-se com passos lentos para o quarto onde jazia Paulo.

XXII.

Palpitante de terror, abriu subtilmente a porta do aposento; depois caminhou pé ante pé até a cabeceira do leito, afastou mansamente as cortinas, e á luz mortua da lampada pôde ver o semblante do homem, que ella reduzira a semelhante estado. Paulo tinha os olhos cerrados, a respiração quasi imperceptivel, o rosto demudado e livido; o fatal sello da morte estava impresso em toda a sua physionomia.

— «É elle,» murmurou Luiza. Só o remorso lh'o poderia fazer conhecer; só a implacavel consciencia lhe podia assegurar ser esse o homem, que havia cinco annos tinha visto pela ultima vez.

Paulo abriu os olhos; Luiza estremeceu; mas não teve animo de afastar-se. Parecia que um poder occulto e supremo a fazia estar ali immovel, submissa, supplicante, como o réu na presença do juiz.

O olhar de Paulo reanimou-se de subito, os labios entreabriram-se-lhe, estendeu as mãos para Luiza. Esta não pôde conter-se, e lançou-se-lhe nos braços, banhada em lagrimas.

— «Oh! Paulo, perdôa-me!» exclamou ella.

— «Perdôo; assim Deus, deante de quem vou apparecer d'aqui a um momento, me perdôe o amor,

que inteiro lhe devia a Elle, que inteiro entreguei a ti, que inteiro t'o consagro n'esta hora extrema, Luiza. Oh! perdôo, perdôo tudo, por este instante que me dêste. E os seus braços tremulos apertaram contra o peito arquejante a cabeça adorada d'aquella mulher.

Houve momentos em que se não escutou mais do que o oppresso arfar de ambos, os soluços entrecortados de Luiza, e esse murmuro, que se não define, que é como o echo das procellas do coração.

— «Dá-me aquella cruz, Luiza,» disse Paulo, a final, em voz tão sumida, que parecia vir já do fundo d'um sepulchro. «Aquella cruz, e tu.»

Depois d'estas palavras seguiram-se alguns movimentos mais curtos e apressados. Luiza chamou por elle; um suspiro abafado e rouco, mas profundo e longo, foi a unica resposta. Tornou a chamal-o uma e outra vez, com voz mais forte. Paulo não respondeu: entregára a alma ao Creador!

— «Aqui tens a historia.

— «E Luiza?» perguntei eu anciosamente.

— «Luiza, era mulher; esqueceu-se d'elle, morto, como esquecêra os juramentos que, lhe tinha feito, vivo!

R. A. DE BULHÃO PATO.

— Em quanto houver terras devoluto, a dar cardos e urzes em lugar de trigo e azeite; em quanto houver braços com ociosas armas ás costas, ou encruçados sobre o peito descarnado; em quanto não repartirdes esses braços por essas terras, e essas terras por esses braços, com um alvião, um punhado de sementes, dous ou tres cruzados para uma choça de colmo. e um cathecismosinho de agricultura, e uma boa isenção de direitos, até que a abençoada plantação se desate toda em fructos; em quanto fordes tolerando, que o vicio, o ruim exemplo, a indiligencia, e a ignorancia lancem quotidianamente na voragem, sempre crescente, da prostituição, milhares de moças, nascidas com entendimento e coração para mães de familias, e a maior parte das quaes o baveriam ído ser, se o seu hediondo celibato não fôra effeito necessario do celibato forçado de tantos homens; em quanto pelo concurso de tamanhos desconcertos deixardes, que permaneçam estereis, desprezadas e despreziveis, as duas mais formosas e mais santamente productivas cousas do mundo; a terra e o seio da mulher; sereis mendigos a governar mendigos: sereis loucos a vexar atribulados. Podereis chamar-vos governo, segundo o direito constituido, e pelas trombetas de uma parcialidade, da vossa; mas pela natureza; mas pela philosophia; mas pelo vosso proprio senso íntimo, nunca merecereis tal qualificação.

CASTILHO. — FELIC. PELA AGRICULTURA.

Acha-se á venda no armazem de livros do editor do *Panorama*, rua do Ouro, n.ºs 227 e 228, o tomo 4.º das **Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage**, collegidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva: e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva. Contém 387 paginas, de 8.º francez: — preço para os senhores subscriptores, pago á entrega do volume, 600 rs.; avulso 720 rs.